

INSPIREMOS-NOS EM MONDLANE PARA PROSSEGUIR O COMBATE

N. 4/21 89

— Presidente Chissano, no comício que marcou as cerimónias centrais do 3 de Fevereiro

Nem as nuvens negras que, pairando na atmosfera ameaçavam chuva, que só viria a cair embora fracamente, durante escassos minutos do comício, impediram que milhares de habitantes da cidade de Maputo acorressem em massa à Praça dos Heróis, para aí homenagearem solenemente os seus heróis, por ocasião do 3 de Fevereiro.

«Por isso, em cada 3 de Fevereiro, ao recordar Mondlane e todos esses heróis, buscamos

O dia nasceu aparentemente fresco e ameno, se bem que carregado de humidade, em consequência da chuva caída na noite da véspera. Por isso, nuvens densas, prenunciando mais chuva, levaram a que muitos cidadãos se prevenissem com guarda-chu-

vas, capas de chuva e outros resguardos para os aguaceiros que se adivinhavam.

Não obstante, logo cedo, a maior parte dos caminhos da cidade iam dar à Praça dos Heróis. Efectivamente, autocarros, carrinhas, camiões e ou-

tros tipos de transporte, peçados de gente cantando eufóricos dirigiam-se ao local. Outros, ou porque habitam bairros da vizinhança, ou porque aproveitaram o momento para uma caminhada, acorriam para a praça, com o

objetivo de prestarem homenagem aos seus heróis. Os mais novos, atraídos especialmente pela banda militar que lançava para o ar húmido da manhã música alegre, mesmo ao gosto da pequenada, em chegando aos grupos, curiosos e eufóricos, pisando raivosamente a relva que normalmente o jardimheiro lhes proibia o acesso. E, à medida em que o momento do início do programa se aproximava, mais movimento de pessoas e viaturas se apoderava da praça, onde os elementos das Forças de Defesa e Segurança não tinham mãos a medir

inspiração em todos os aspectos significativos dos nossos heróis, porque a luta continua, pois ainda existem aqueles que não aceitam a liberdade, o desenvolvimento económico do Povo moçambicano», afirmou o Presidente Joaquim Chissano, durante o comício popular que marcou o ponto culminante das cerimónias centrais do Dia dos Heróis Moçambicanos.

Os mais novos, atraídos especialmente pela banda militar que lançava para o ar húmido da manhã música alegre, mesmo ao gosto da pequenada, em chegando aos grupos, curiosos e eufóricos, pisando raivosamente a relva que normalmente o jardimheiro lhes proibia o acesso.

para controlarem tão intensa e concentrada movimentação.

O palanque, erguido defronte do monumento e de costas para o mural, os milhares de homens, mulheres, crianças e velhos representando bairros da capital e organizações democráticas de massas e sócio-profissionais, empunhando dísticos com va-

riadas cores e dizeres, bandeirinhas do Partido e Nacional, balões multicolores emprestavam ao local um ambiente festivo e desigual.

A criançada, envergando ou não a farda da organização «Continuadores da Revolução Moçambicana», empunhando balões coloridos e dançando, ou ao ritmo da banda ou ao som das canções entoadas pelos mais velhos, proporcionava um ambiente de festa.

Os para-queidistas também não quiseram deixar passar em branco este momento e, com os seus para-queidas coloridos, evoluíram graciosamente pelo espaço.

O COMÍCIO

Após os actos solenes atentamente seguidos pelos presentes, e após o desfile das Forças de Defesa e Segurança, o Presidente Chissano deu início ao comício popular, ansiosamente esperado por todos, após o membro do Comité Central e Secretário do Comité da Cidade para a Defesa, Aurélio Manhiça, em nome do Partido a este nível, tê-lo convidado.

Eram precisamente nove horas e 40 minutos, quando Joaquim Chissano, depois de entoar a canção revolucionária «Pukani Vamakueru» dirigiu-se, por intermédio das pessoas ali presentes, a todo o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo.

Pondo como ponto central a figura de Eduardo Chivambo Mondlane, Primeiro Presidente da Frente de Libertação de Moçambique e arquitecto da unidade nacional, Chissano começou por recordar os momentos de tristeza que se sucederam à morte de Mondlane, a tristeza e a incerteza do futuro que reinaram no seio dos guerrilheiros da FRELIMO.

— Mas, animados pelo exemplo de luta de Eduardo Mondlane durante o tempo que ele passou connosco, esses momentos de tristeza, de desânimo, foram ultrapassados. Todos sentimos a necessidade de transformar a morte de Mondlane numa nova força, levando até ao fim toda a obra que ele iniciou — sublinhou o Presidente do Partido e da República Popular de Moçambique.

Os ideais de luta que Eduardo Mondlane encarnava em nome do povo e que residiam no próprio povo, em cada moçambicano que ele contactava, foram igualmente destacados por Chissano que acrescentou que ele viu o povo a dirigir a luta, as actividades económicas e sociais em plena luta, viu o povo a defender a sua escola, a sua machamba, o seu hospital, viu que a escola e o hospital funcionavam em plena floresta.

Falando acerca do programa concebido por Mondlane, o líder da Revolução moçambicana disse que esse programa tinha um sucesso garantido porque era realista, pois ele soube aliar os conhecimentos adquiridos na universidade com o conhecimento realista, profundo, do seu povo.

«Sabia, que a palavra socialismo tinha que ter um conteúdo concreto para Moçambique. Socialismo significava a luta contra a fome, contra a ignorância, o obscurantismo, contra a nudez, com a falta de habitação», enfatizou Chissano.

Prosseguindo, o Presidente Chissano considerou o 5.º Congresso como sendo o de consolidação do Partido e que as decisões que vão ser nele tomadas serão decisões seguras, pois elas vêm do povo.

— Fazemos votos para que o 5.º Congresso seja um Congresso de vitória sobre os bandidos armados, uma vitória na reabilitação da nossa economia, que seja um marco na luta pela independência económica do País — afirmou o Presidente, sublinhando que temos que ser persistentes e não desfalecer porque os resultados não são imediatos.

NR.: Na nossa edição da próxima segunda-feira, esperamos publicar a versão integral do discurso ontem proferido pelo Presidente Joaquim Chissano.